

SAMBAQUIS E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Maria Cristina Tenório

RESUMO

Dois modelos interpretativos são utilizados para explicar o povoamento do litoral por grupos não ceramistas. Um deles admite que este povoamento se deu por grupos caçadores, coletores pescadores que vieram do interior descendo grandes cursos d'água; o outro postula a existência de uma unidade cultural sambaquiiana estruturada por costumes e rituais que permitia a incorporação de distintas influências trazidas por grupos interioranos sem perder sua identidade cultural. A partir da sistematização das datações existentes, da distribuição espacial dos sítios, de estudos de mobilidade, dos elementos marcantes da cultura material, dos resultados das análises dos restos esqueléticos humanos foram discutidos os modelos interpretativos apresentados acima.

PALAVRAS-CHAVE: Sambaquis, Migrações pré-históricas, Arqueologia do Sudeste

ABSTRACT

Two interpretative models are used to explain the peopling of the littoral by non-pottery making groups. One of the models advocates that settlement took place by groups of hunters, collectors and fishers coming from the inland by way of major water courses; the other the existence of a Sambaqui cultural unit structured by customs and rituals enabling the incorporation of different influences brought by the inland groups while maintaining their cultural identity. These models are discussed based on the systematization of existing chronology, spatial distribution of the sites, mobility studies, distinct elements of the material culture and the results of analysis of human skeletons remains.

KEYWORDS: Sambaqui, Prehistoric migration, Southeastern Archaeology



INTRODUÇÃO

A origem dos sambaquis sempre foi foco de atenção (SCHIMTZ, 1984; NEVES, 1984; PROUS, 1992; GASPAR, 1996; ANDRADE LIMA, 1999-2000), a possibilidade de estabelecer as rotas migratórias seguidas pelos grupos ao longo do litoral e entre litoral e interior está estreitamente relacionada com o esclarecimento dessa questão.

Desde o momento em que a arqueologia brasileira passou a sofrer uma maior influência da Ecologia Cultural, a origem dos sambaquis brasileiros deixou de ser pensada a partir da proposta de uma origem única na região andina (ILHERING, 1904; SERRANO, 1937; MEGHIN, 1962). A origem desses sítios passou a ser abordada como múltipla, ou seja, tipos de adaptação adotados por uma grande diversidade de grupos culturais (DIAS, 1992; NEVES, 1984; HURT, 1986; SCHMITZ, 1992; LIMA, 1999-2000; SCHMITZ *et al.*, 2006).

Baseada na repetição de padrões culturais, Gaspar (1991) questiona a diversidade cultural proposta para o litoral do Rio de Janeiro propondo que seu povoamento pré-colonial teria sido feito inicialmente por um único sistema sociocultural.

Já Neves (1984) baseado em resultados fornecidos pela Antropologia biológica propõe que o litoral teria sido povoado por várias levas de diferentes grupos oriundos do interior, os quais teriam chegado à costa inicialmente no litoral do Paraná, para depois seguirem dois eixos de dispersão, um para o sul e outro para o norte. Também para Lima (*op.cit.*), a ocupação teria se dado inicialmente por grupos que teriam descido do interior pelos vales de grandes rios. Apoiada nas similaridades observadas na cultura material e somando os pontos consistentes das duas argumentações Tenório (2003), propõe a existência de um único sistema cultural que teria ocupado parte da costa brasileira, recebendo a influência constante de novos grupos oriundos do interior que chegariam ao litoral através dos grandes corpos d'água. Segundo esta proposta, grupos já adaptados ao litoral apresentariam uma cultura sambaquiana estruturada, responsável pela aculturação dos recém-chegados (TENÓRIO, 2004).

O maior problema na comprovação do modelo acima reside no fato de que os sítios mais antigos, de acordo com os modelos propostos para as oscilações marinhas nos últimos milênios (Suguio *et al.* 1989) estariam atualmente submersos.(Calippo 2010). A escassez de pesquisas arqueológicas na América central (Bárbara Voorhies comunicação pessoal novembro de 2001) também não permite que se discuta a existência de uma



rota de ocupação pela costa, a qual teria permitido a descida pela costa americana de grupos pleistocênicos já adaptados ao ambiente marinho. No entanto, o grande número de evidências de populações pleistocênicas já adaptadas ao ambiente marinho na costa da Califórnia¹, a existência de sítios evidenciando os mesmos rituais funerários relacionados à construção de *mounds* nas duas costas dos Estados Unidos (BERNSTEIN, 1993 e STEIN, 1992 in LUBY & GRUBER, 1995; ERLANDSON, 1997; VOORHIES, 1991), concentrados no Golfo da Califórnia, na Flórida, como também os *mounds* encontrados na costa mexicana e no Panamá têm contribuído para a hipótese da existência de uma migração antiga ao longo da costa americana.

Acontinuidade de diversos elementos dos rituais funerários, que aparecem desde a costa do Alasca (YESNER, 1998), entre os quais pode-se citar a presença de grandes blocos de rocha nas sepulturas e o tingimento de vermelho dos esqueletos, podem estar indicando a existência de grupos que já teriam chegado às Américas adaptados ao ambiente marinho, os quais teriam tido um desenvolvimento paralelo ao paleoíndio. Evidências recuadas de adaptações marinhas, encontradas nas costas do Chile e do Peru, contribuem para essa hipótese (LYNCH, 1998; LAGOSTEIRA *apud* ERLANDSON, 1994).



MOBILIDADE NA COSTA

Até o final da década de oitenta predominava uma tendência em se considerar os sítios não cerâmicos encontrados no litoral brasileiro como resultantes de ocupações sazonais. Tal fato se devia a três fatores: as informações fornecidas por cronistas, a ideia de que o litoral se tratava de um ambiente pobre em recursos alimentares e a prudência na utilização do termo sedentário.

As informações fornecidas por cronistas (GABRIEL SOARES de SOUZA, 1949; MADRE de DEUS, 1954; CARDIM, 1925) para explicar os montes de conchas encontrados nas praias estão relacionadas a relatos fornecidos por indígenas sobre povos desaparecidos que vinham a costa apenas em determinadas épocas do ano para coletar mariscos.

Já a visão do litoral como um ambiente pobre se deu por uma influência da arqueologia europeia, que ressaltou mais os problemas causados pelas alterações climáticas do que as qualidades dos novos ambientes que surgiram. Esta colocação fez com que, durante muito tempo, a adaptação ao litoral fosse vista como uma segunda opção. Isso só mudaria quando autores como Binford (1968) e, mais tarde, Yesner (1986) passassem a questionar a ideia estabelecida de baixa produtividade da costa, ressaltando a importância da

previsibilidade fornecida por alimentos encontrados em locais de interseção ambiental, o que por sua vez poderia incentivar um processo de sedentarização (BENDER, 1981; OSBORN, 1980; WATABE, 1968; PERLMAN, 1980).

A oposição feita entre as associações “presença de agricultura-sedentarismo- complexidade” e “coleta pouco especializada-alta mobilidade” fez com que, durante muito tempo, grupos costeiros fossem estudados a partir de uma ênfase maior na sua característica caçadora do que na pescadora e coletora. Isso acabou levando à utilização de modelos interpretativos que não davam conta da problemática.

Desde a década de noventa a mobilidade dos grupos litorâneos passou a ser mais estudada segundo parâmetros usados para grupos pescadores (TENÓRIO, 1991; TENÓRIO, 2003) em detrimento daqueles utilizados para caçadores, coletores semi-nômades. A mobilidade dos grupos litorâneos estaria baseada no percorrimto de distâncias maiores através do uso de canoas e da navegação de cabotagem com a intensificação de contatos e de trocas (TENÓRIO, 2003).

90  Passou-se a considerar a possibilidade da existência de um tipo diferente de territorialidade e de uma intensa transmissão cultural (TENÓRIO, 2004 e TENÓRIO *et al* 2009), em uma situação semelhante à verificada entre grupos atuais estritamente pescadores. Estes demonstram em determinadas situações, quando a pesca é abundante, o compartilhamento do território, já que a informação sobre a movimentação dos cardumes é extremamente importante (SEIXAS, 1997; CASTRO e BEGOSSI, 1995, 1996). A grande similaridade verificada na cultura material proveniente de sítios litorâneos também parece vir ao encontro de outra característica observada por Begossi (1997) entre pescadores atuais: a grande facilidade de incorporação de novas tecnologias eficazes, o que possibilita a existência de uma intensa transmissão cultural.

MOVIMENTAÇÃO PERPENDICULAR À COSTA NO BRASIL

Grupos adaptados somente ao ambiente litorâneo e que se deslocassem na água tenderiam a desenvolver uma movimentação perpendicular à costa, incentivados por contatos com outros grupos e também para manter a exploração dos pontos de interseção ambiental, áreas mais produtivas em termos alimentares e sujeitas a alterações provocadas pelas oscilações dos níveis marinhos. Tal fato explicaria a presença de sítios que apresentam datações muito antigas numa linha de costa no litoral sudeste como as obtidas para os sambaquis de Camboinhas² (KNEIP *et al*, 1994) e Algodão³ (LIMA *et al* 2003). Esses

dois sítios apresentam a mesma antiguidade e estão localizados na mesma linha da restinga da Marambaia o que pode estar indicando a presença de uma antiga linha de costa com duas ocupações contemporâneas.

Dada a grande quantidade de ostras encontradas no sítio do Algodão, é provável que nessa época o mar se apresentasse mais baixo, permitindo que o manguezal ainda estivesse próximo ao sítio. O mesmo ocorreria com o sítio Camboinhas, com antiguidade semelhante, e que teria sido ocupado no início de um período de regressão marinha (KNEIP *et al*, 1994). Uma subida do mar deixaria submersos os sítios localizados em áreas mais baixas obrigando seus ocupantes a se deslocarem.

A proximidade de recursos básicos, como água potável, iria interferir na escolha dos novos locais de assentamento. Esses deslocamentos seriam lentos e provavelmente os sítios localizados em mais locais altos estariam mais preservados das alterações promovidas pelas transgressões marinhas. O fato de não se encontrar sítios antigos na costa, pode indicar que o movimento dos grupos, ao invés de ser de recuo no sentido costa-interior, acompanhando a subida do mar, pode ter sido perpendicular ao litoral, à procura de costas mais elevadas. Isto responderia pelo posicionamento dos sítios mais antigos, que em lugar de serem encontrados obedecendo a uma graduação cronológica, transversal à linha da costa encontram-se alinhados a ela. Os principais atores da movimentação perpendicular à costa seriam os detentores de uma cultura marítima. Embora, a movimentação perpendicular, num momento posterior também pudesse ser usada por grupos interioranos que se dispersariam no litoral a procura de locais mais produtivos em termos de oferta alimentar. Mesmo que os locais de chegada fossem os mais ricos, talvez num momento mais tardio com o aumento da ocupação, houvesse a necessidade de uma expansão dos grupos, que se distanciariam dos estuários dos rios por onde chegaram à costa.

MOVIMENTAÇÃO TRANSVERSAL À COSTA

Procurando-se pelos grupos responsáveis pelo povoamento costeiro com uma origem interiorana, encontram-se registros sobre três tipos de ocupação: as relacionadas aos caçadores do planalto e de áreas abertas, aos caçadores-coletores-pescadores e, por último, aos ceramistas.

A questão sobre que rotas teriam sido utilizadas para chegar ao litoral a partir de áreas interioranas pode ser investigada partindo-se do pressuposto de que os caminhos



utilizados tenderiam a ser os mais curtos, os mais limpos, os mais protegidos e os que passariam por áreas que oferecessem produtos silvestres. Esses caminhos, a menos que fossem ocupados por grupos inimigos, provavelmente teriam sido os mesmos durante muitos milênios. Assim, os sítios presentes ao longo dessas rotas podem ser abordados como vestígios dos grupos que empreenderam incursões a novos ambientes.

As grandes concentrações de sítios próximas aos vales de grandes rios que cortam as serras, como as concentrações em Iguape, Cananéia, Baixada Santista, Baía de Paranaguá, sugerem a existência de rotas migratórias para a costa, acompanhando o curso de rios. Neves (*op.cit.*:31) cita como locais de passagem o vale da Ribeira e o vale do Rio Itajaí. Lima (*op.cit.* :272) também concorda com um eixo de deslocamento interior-litoral por vias fluviais em alguns trechos do litoral, como no Vale do Ribeira, no Vale do Itajaí e no Vale do Jacuí. No entanto, para esta autora, em outras áreas, a serra do Mar teria atuado como uma barreira, favorecendo um movimento perpendicular à costa.

CAÇADORES DO PLANALTO E ÁREAS ABERTAS E SUA RELAÇÃO COM O LITORAL

92



Os mais antigos caçadores do planalto e áreas abertas, oriundos do sul do país, são denominados por Kern (1994) como grupos pampeanos e por Mentz Ribeiro (1999) como tradição Umbu. Seus vestígios são encontrados no Uruguai, por toda a região sul brasileira e no sul de São Paulo (NOELLI, 1999-2000:227). O médio rio Uruguai apresenta as datas mais antigas, sugerindo uma rota de entrada no território brasileiro. Seus vestígios também são encontrados no rio Paraná, no vale do Ivaí (MENTZ RIBEIRO, 1999:29), em terraço climático, na cidade de Rio Claro, onde apresentam datações discutidas que oscilam de 14000 anos BP a 10000 anos BP (BELTRÃO, 1974) e também no Vale do Ribeira, com datações que vão de 10000 anos BP (COLLET & LOEBL, 1988, FIGUTI *et al*, 2000) ao ano 700 de nossa era (De BLASIS, 1996).

A tradição Umbu apresenta uma mobilidade grande e uma diversificação em seus assentamentos, podendo ser encontrada em sítios a céu aberto, em abrigos sob rocha e, nos dois últimos milênios, nos cerritos (LOPEZ In NOELI *op.cit.*). Há cerca de 2500 anos AP, nas áreas contínuas à planície costeira e à porção sudeste do Rio Grande do Sul, e no litoral uruguaio, as populações ligadas à tradição Umbu passaram a construir aterros, conhecidos como cerritos. PAREI XX

A diferenciação biológica constatada por Neves (1984:136) entre a baía de Paranaguá

e o litoral sul, a parte central e norte de Santa Catarina poderia estar relacionada à entrada das tradições Humaitá e Umbu, ambas saindo do rio Uruguai – a primeira pelo sul e a outra, pelo norte, mesclando-se, à medida que se aproximam da área central. Sendo assim, grupos da tradição Umbu seriam os responsáveis pelo início do povoamento do sul de Santa Catarina, norte do Paraná e pela região próxima ao vale do Ribeira.

No entanto, não há até o momento evidências da tradição Umbu nos sambaquis localizados nos estados do Paraná e de Santa Catarina. Embora se saiba que consumissem moluscos terrestres (JACOBUS, 1991:72), evidências da descida ao litoral de populações relacionadas à tradição Umbu só foram encontradas no Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo (FIGUTI *et alli*, 2001).

As datações de 8500 ± 70 anos AP, 8795 ± 105 anos AP, 8860 ± 60 anos AP, (FIGUTI *et al*, 2004) obtidas para o início da ocupação do sítio Capelinha, localizado no vale do Ribeira do Iguape, distante cerca de 100km do mar, recuaram à antiguidade da presença da tradição Umbu na região, como também o início da adaptação ao ambiente marinho ou do contato com grupos já acostumados a esse ambiente. Resultados de análises biológicas têm apontado para a última hipótese.

Estudos desenvolvidos por Neves e Okumura (2005) revelaram uma grande distinção entre o esqueleto encontrado no sítio Capelinha notadamente paleoamericano e os resgatados nos sambaquis, que apresentam uma morfologia mongolóide.

Por outro lado, o vale do Ribeira apresenta características que permitiriam o surgimento de uma nova modalidade adaptativa. Segundo Figuti *et al coord.* (2000 mimeo.: 4):

o rio Ribeira contraria a tendência natural dos rios que nascem no planalto. Ao cruzar as serras, em seu caminho direto para o oceano Atlântico, o Ribeira atravessa uma variedade de pequenos vales, formando micro-ambientes diversificados que integram com fluidez o ambiente litorâneo ao planáltico, facilitando a existência de uma zona de transição, onde são mesclados as variáveis climáticas mais frias do planalto com o ambiente quente e sub-litorâneo, o que caracteriza a ampla planície litorânea conhecida como a Baixada do Ribeira. Figuti *et al coord.* (2000 mimeo.: 4):



CAÇADORES COLETORES PESCADORES

Na Baixada da Ribeira, registra-se a presença dos “sambaquis fluviais”. Inicialmente pensou-se que esses “sambaquis” seriam mais recentes do que os marinhos, representando uma nova adaptação provocada por pressões de outros grupos (BARRETO, 1988). No entanto, as datações obtidas (FIGUTI *et al*, 2004) revelaram uma antiguidade bastante recuada em relação às obtidas para o litoral de São Paulo.

Uma análise craniométrica (NEVES e OKUMURA, 2005) comparativa entre 12 esqueletos provenientes de *sambaquis* (grifo nosso) fluviais do vale do Ribeira, datados entre 6 000 e 1000 anos AP, e 225 esqueletos oriundos de diversas séries pré-históricas do interior e do litoral apontaram para uma associação dos indivíduos da série masculina do sítio Moraes com um subgrupo formado pelo litoral central de São Paulo, litoral do Paraná e por Guaraguaçu, enquanto que a dos outros sítios se associa com o litoral sul de São Paulo.

Dos *sambaquis* fluviais de onde saíram os esqueletos analisados, o sítio Moraes, além de ser o mais antigo (5895+/- 45 anos AP) é o único que apresenta características de sambaqui (COLLET, 1985 In NEVES e OKUMURA, 2005). Os outros sítios, Itaoca I, Estreito, Pavão III e Pavão XVI apresentam um conteúdo que pode ser melhor associado a grupos oriundos do planalto.

Neves e Okumura reconhecem que a amostragem ainda é imperfeita e que o trabalho deve ser visto apenas como uma das primeiras aproximações ao problema. No entanto, se os resultados estiverem corretos dois movimentos podem ser percebidos em épocas bastante recuadas: grupos provenientes do litoral do Paraná e de São Paulo entrando pelo rio do Ribeira e, mais tarde, grupos do planalto descendo em direção ao litoral central de São Paulo e do Paraná. A antiguidade dos enterramentos encontrados no sítio do Moraes, em relação às datações disponíveis para os sítios localizados no litoral de São Paulo, sugere que este assentamento representa incursões de grupos litorâneos a terras interioranas em momentos muito antigos. Enquanto que a presença dos sítios que apresentam mais elementos do planalto do que da costa apontam para um movimento predominante do planalto para o litoral, num momento mais recente. Provavelmente esses sítios inicialmente seriam locais de transição, construídos por grupos do planalto, que já apresentavam uma morfologia mongolóide presente no território brasileiro há pelo menos 7000 anos antes do presente (NEVES, 2002).



Enquanto que no Estado de São Paulo constata-se a existência de um amplo espaço transitório onde grupos de terras altas se aproximam do litoral e vice-versa, em Santa Catarina, De Masi (2001) constata o oposto num período bem próximo.

CERAMISTAS

Embora ainda não estejam claros os contatos entre grupos ceramistas e não ceramistas-cerâmicos do litoral é importante saber sobre os caminhos utilizados por estes grupos para chegar à costa, pois provavelmente muitos deles percorreriam as mesmas trilhas .

Sítios de ceramistas do interior, explorando recursos do litoral, foram identificados nos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro (tradição Una); Paraná e centro-norte de Santa Catarina (tradição Itararé); sul de Santa Catarina e centro-norte do Rio Grande do Sul (tradição Taquara) (SCHMITZ, 1998: 198).

Segundo Schmitz (1998: 214), diferente dos não-ceramistas que apresentavam assentamentos de maior permanência, os ceramistas apresentam ocupações mais curtas, marcadas por sazonalidade, vindo de encontro à proposta de Prous (1992: 207), segundo a qual só após a introdução da cerâmica é que se iniciaria um movimento de ida e vinda ao litoral. O que seria diverso do movimento de grupos não ceramistas que, ao chegarem ao litoral, não retornaram para o interior.

Segundo Robrahn-Gonzalez (1989:293), a entrada dos primeiros grupos ceramistas no Estado de São Paulo teria se dado através do vale do Ribeira. Seriam grupos não-tupiguarani que, pressionados por estes últimos, teriam vindo do sul em direção ao norte. Segundo esta autora, por volta de 1000 d.C, ocorreu um grande deslocamento populacional no sentido planalto-litoral. Do nordeste do Rio Grande do Sul, onde estão as datações mais antigas, teriam alcançado o planalto paranaense e o litoral através do vale do Ribeira, no século X de nossa era. Evidência deste fato é a grande concentração de sítios nos afluentes do médio-alto-Ribeira.

Para o Rio de Janeiro, existe a proposta de uma migração no sentido inverso. Segundo Dias (1976/77;1987), a ocupação ceramista no Rio de Janeiro teria se dado inicialmente por grupos identificados com a tradição Una, que teriam entrado neste estado vindo de Minas Gerais, descendo o Paraíba do Sul, alojando-se na serra do Mar e depois no litoral norte do Rio de Janeiro – caminho semelhante ao utilizado por grupos litorâneos pertencentes à fase Itaipu, segundo Mendonça de Souza (1981).



Mais tarde outro grupo ceramista, identificado como tradição Tupiguarani, chegou ao Rio de Janeiro. Alguns autores propõem que o grupo Tupi tenha vindo do sul (DIAS e CARVALHO, 1980), outros do norte (BROCHADO, 1984; BUARQUE, 1999).

Mendonça de Souza (1991) propõe que os Tupi poderiam ter chegado à região fluminense seguindo um eixo de deslocamento norte para sul, ou diretamente no médio curso do Paraíba, partindo de Minas Gerais, ou ainda provindo do extremo norte paulista, acompanhando todo o curso do rio Paraíba do Sul.

INFORMAÇÕES ETNOARQUEOLÓGICAS

Chmyz localizou no vale do rio Piriqui um caminho indígena de 30km de extensão, apresentando sítios relacionados à cultura Itararé (CHMYZ, 1971). Esse dado, associado aos resultados das pesquisas de Schimtz et ali (1990, 1991, 1993, 1996), tem evidenciado a presença Itararé no litoral de Santa Catarina, o que parece indicar um fluxo constante de pessoas chegando ao litoral.

Segundo Reinhard Maack (In CHMYZ, 1971), no momento da descoberta, os indígenas denominavam Peabiru, o caminho transcontinental, que partia de São Vicente, em São Paulo e acompanhava o curso do rio Tietê, até a altura de Itu. Tomava, então, a direção sudoeste, atravessando os rios Paranapanema e Itararé, até as cabeceiras do Ribeira do Iguape. Deste ponto, pegava a direção geral leste-oeste, passando pelas cabeceiras dos rios Ivaí e Cantu e o médio rio Piquiri. Prosseguia paralelo à margem esquerda deste último e atravessava o rio Paraná, na altura da foz do Piquiri. Na margem direita do Paraná, acompanhava o curso do Iguatemi, dobrando a seguir para nordeste, em direção às cabeceiras do Paraguai, cortando o Chaco Paraguaio, chegando ao planalto do Peru e ao oceano Pacífico.

Chmyz (1971) apresenta um minucioso levantamento sobre informações a respeito do Peabiru, o que mostra a existência de uma rede de caminhos que eram intensamente utilizados por diferentes sistemas socioculturais. Os rios mais mencionados coincidem com os pontos de concentração de sítios no litoral, tais como: (1) o rio Tietê e a proximidade com a Baixada Santista, com grande concentração de sítios; (2) o rio Ribeira do Iguape, associado à concentração de sítios no vale do mesmo nome e à região de Iguape e Cananéia.

No Rio de Janeiro, a serra do Mar não parece ter funcionado como barreira para os ceramistas; estes não só alcançaram o litoral pelo norte, contornando a serra, como tam-



bém, transitaram por ela num momento posterior. Existem informações de que os Puri, Lopus e Tomiminós e Guainás transitavam bastante por ela. Knivet (1947:35) conta que a teria cruzado três vezes, no ano de 1596, utilizando um caminho indígena.

DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS E CORRELAÇÃO COM DATAÇÕES¹ MAIS ANTIGAS DE SÍTIOS FORMADOS POR PESCADORES, COLETORES E CAÇADORES NO LITORAL BRASILEIRO.

Rio Grande do Sul

O litoral ao sul de Laguna é marcado pela quase inexistência de praias mansas, lagunas e manguezais e não parece ter apresentado grandes atrativos para a sua ocupação. Os relativamente poucos sítios registrados no litoral do estado do Rio Grande do Sul encontram-se concentrados na região entre Torres e Itapeva. Neste Estado, Kern (1991) informa que podem ser encontrados no litoral, tanto vestígios de sambaquis, como acampamentos ocasionais de grupos caçadores-coletores da encosta da serra Geral.

Schmitz (2006) compartilha da interpretação de que os acampamentos não estão relacionados aos sambaquis. Para este autor, representam sítios de verão, datados dos últimos séculos antes da Era Cristã, que podem ser associados a antepassados de grupos pertencentes à tradição Vieira. As poucas datações obtidas em sítios litorâneos encontrados no Rio Grande do Sul (ver tabela 1) estão entorno de 2000 anos antes do presente, data muito recente em relação às disponíveis para o restante do litoral brasileiro.

Tabela 1: Datações radiocarbônicas convencionais de sítios litorâneos mais antigos.

Fonte Lima 1999-2000

UF	SÍTIO	DATA (AP)	REF. BIBLIOGRÁFICA
ES	Areal	2.840±60	Souza, inédito
ES	Rio Doce I	4.400±200	Suguio, Martin, Dominguez 1982.
ES	Rio Doce II	4.240±150	Suguio, Martin, Dominguez 1982.
ES	Rio Doce III	3.555±150	Suguio, Martin, Dominguez 1982.
ES	Rio Doce IV	2.970±180	Suguio, Martin, Dominguez 1982
ES	Rio Novo do Sul	3.030±170	Souza, inédito
PR	Ilha dos Ratos	1.540±150	Garcia ,1979
PR	Macedo	3.570±60	Blasi, 1963
PR	Macedo	3.677±61	Blasi, 1963





PR	Porto	3.150±110	Garcia, 1979
PR	Porto Mauricio	6.030±130	Garcia, 1979
PR	Ramal	6.540±105	Garcia, 1979
PR	São João	4.960±110	Rauth, 1974
PR	Saquarema	4.450±64	Hurt, 1964
PR	Saquarema	3.965±66	Hurt, 1964
RJ	Algodão	3.350±80	Lima, 1987
RJ	Amourins	3.530±30	Heredia, 1981-82
RJ	Beirada	4.520±190	Kneip, 1984
RJ	Boca da Barra	3.760±180	Gaspar, 1996
RJ	Camboinhas	7.958±224	Kneip, 1981
RJ	Condomínio	4.190±130	Tenório, 1992
RJ	Corondó	4.260±75	Dias Jr., 1992
RJ	Duna Pequena	2.030±155	Kneip, 1981
RJ	Forte	5.520±120	Kneip, 1980
RJ	Geribá-I	1.480±90	Tenório, 1989
RJ	Geribá-II	5.150±110	Tenório, 1989
RJ	Guaíba	1.520+_60	Gaspar, 1996
RJ	Ilha de Santana	1.260±330	Lima e Silva, 1984.
RJ	Ilhote do Leste	2.910±90	Tenório, 1995
RJ	Ponta do Leste	2880±40	Tenório, 2003
RJ	IBV I	3480±100	Gaspar, 1998
RJ	IBV II	3.670+_80	Gaspar, 1998
RJ	IBV III	2820±200	Gaspar, 1998
RJ	IBV III	2.060+_200	Gaspar, 1998
RJ	IBV IV	3850±140	Gaspar, 1998
RJ	Itaúnas	5700±70	Barbosa, 2007
RJ	Jaconé	3350±80	Kneip, 2001
RJ	Madressilva	3640±50	Kneip, 2001
RJ	Malhada	4020±80	Mendonça de Souza, 1997
RJ	Manitoba I	4270±70	Kneip, 2001
RJ	Moa	3610±190	Kneip, 2001
RJ	Mombaça	4250±50	Gaspar, 1991
RJ	Saquarema	3280±60	Kneip, 2001
RJ	Tambor	3.975±160	Uchôa, 1981-82
RJ	Ury	3.975±160	Souza, inédito
RJ	Zé Espinho	2.260±160	Kneip, 1987

RS	RS-LC-82	1900±40	Rogge, 2006
RS	RS-LC-97	2170±70	Rogge, 2006
SC	Armação do Sul	2.670± 90	Schmitz et al., 1992
SC	Arroio da Cruz 1	1.080± 60	De Blasis, no prelo.
SC	Cabeçuda	4.120±220	Garcia, 1979
SC	Caieira	3.230±155	Hurt, 1974
SC	Canto da Lagoa 1	3.370±70	De Blasis, no prelo.
SC	Capivari 1	3.780±40	De Blasis, no prelo.
SC	Carniça 1	3.370±160	Hurt, 1974
SC	Carniça 1A	3.400±150	Hurt, 1974
SC	Congonhas	3.270±200	Prous e Piazza, 1977
SC	Congonhas 1	3.350±85	De Blasis, no prelo
SC	Congonhas 2	2.835±95	De Blasis, no prelo
SC	Congonhas 3	2.115±50	De Blasis, no prelo
SC	Costão do Ilhote	980±40	Masi, 1999
SC	Conquista B	4.070±220	Prous e Piazza 1977
SC	Encantada 3	4.420±50	De Blasis, no prelo
SC	Espinheiros	2.920±100	Garcia, 1979
SC	Espinheiros II	2.970±60	Afonso e Blasis, 1994
SC	Figueirinha 3	4.240±190	Martin <i>et al.</i> , 1988
SC	Forte Marechal Luz	4.290±130	Bryan, 1993
SC	Galheta 1	3.090±70	De Blasis, no prelo
SC	Galheta 2	4.400±60	De Blasis, no prelo
SC	Garopaba do Sul	3.450±180	Martin <i>et al.</i> , 1988
SC	Gaspar	5.270±300	Garcia, 1979
SC	Ilhotinha	5.270±60	De Blasis, no prelo
SC	Jabuticabeira I	4.185±90	De Blasis, no prelo
SC	Jabuticabeira II	2890±55	De Blasis, no prelo
SC	Jaguaruna 1	3080±80	De Blasis, no prelo
SC	Mato Alto 1	2535±165	De Blasis, no prelo
SC	Mato Alto 2	4685±160	De Blasis, no prelo
SC	Monte Castelo	3360±70	De Blasis, no prelo
SC	Morrinhos	4480±60	De Blasis, no prelo
SC	Morro Azul	4480±60	De Blasis, no prelo
SC	Morroto	2075±110	De Blasis, no prelo
SC	Porto Vieira 1	3610±70	De Blasis, no prelo
SC	Santa Marta 5	4110±50	De Blasis, no prelo
SC	SC-CL-01	2.050±50	Masi, 1999
SC	SC-PRV-01	4.440±50	Masi, 1999





SC	SC-PRV-02	2.040±60	Masi, 1999
SP	Almas	1.440±90	Uchôa e Garcia, 1983
SP	Ararapira	4.175±100	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Batatal I	4.920±100	Garcia 1979
SP	Batatal II	4.145±212	Uchoa, 1981-82
SP	Boguaçu (foz)	3.090±110	Garcia, 1979
SP	Boguaçu II	4.160±100	Garcia, 1979
SP	Boguaçu III	3.220±90	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Branco	4.400±110	Garcia, 1979
SP	Brocuanha I	3.900±450	Uchoa, 1981-82
SP	Brocuanha III	3.360±330	Uchoa, 1981-82
SP	Brocuanha IV	5.900±520	Uchoa, 1981-82
SP	Buracão	2.050±100	Garcia, 1979
SP	Cananeia	4.340±140	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Carijó	4.340±110	Garcia, 1979
SP	Casqueirinho	4.300±180	Uchoa, 1981-82
SP	Cosipa I	4.210±90	Uchôa e Garcia, 1986
SP	Cosipa II	1.180±60	Uchôa e Garcia, 1986
SP	Cosipa III	3.790±110	Uchôa e Garcia, 1986
SP	Cosipa IV	2.590±80	Uchôa e Garcia, 1986
SP	Couves	2200±40(Cal. 2330 a 2120 BP)	Amenomori, 2005
SP	Curral-I (S-9)	3.350±135	Uchôa, 1981-82
SP	Estaleiro	3.490±80	Garcia, 1979
SP	Etelvina	3.960±100	Uchôa, 1981-82
SP	Fosfasa I	3.350±135	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Fosfasa II	3.790±110	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Guacici	5.110±100	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Guarapari	2.285±45	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Itapitangui	1.490±120	Uchôa, 1981-82
SP	Itapuã I	3.900±100	Garcia, 1979
SP	Itapuã II	3.635±90	Garcia, 1979
SP	Itapuã III	5.245±125	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Jataituba (S-34)	5.070±100	Garcia, 1979
SP	Juruvaúva	5.240±150	Uchôa, 1981-82
SP	Juruvaúva I	5.010±115	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Juruvaúva II	4.380±100	Garcia, 1979
SP	Juruvaúva III	4.130±100	Garcia, 1979
SP	Mar casado	4.350±110	Garcia, 1979

		2570±70 (Cal.2360 a 2060)	
SP	Mar Virado	2640±70 (Cal.2480 a 2140)	Nishida, 2002
SP	Maratuá	7.803±1.300	Emperaire Laming, 1956
SP	Maria Rodrigues	3.865±95	Uchôa, 1981-82
SP	Mirini	4.400±280	Garcia, 1979
SP	Momuna	4.715±95	Martin, Suguio, Flexor 1984.
SP	Mundo Novo (S-46)	4.790±100	Uchôa, 1981-82
SP	Nóbrega	4.575±110	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Pariquera Açu	2.840±225	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Pereirinha	5.035±140	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Pereirinha III	3.330±125	Uchôa e Garcia, 1983
SP	Piaçaguera	4.930±110	Garcia, 1979
SP	Pindu (S-38)	3.090+ _120	Uchôa, 1981-82
SP	Ponta Grossa(S-48)	3.870±100	Uchôa, 1981-82
SP	Prainha II	3.920±100	Garcia, 1979
SP	Rio Branco (S-48)	5.970±140	Uchôa, 1981-82
SP	Rio Comprido	4.560±110	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Rio da Roça I	3.300±100	Garcia, 1979
SP	Rio das Minas (S-8)	1.850±100	Uchôa, 1981-82
SP	Rio das Pedras (S-40)	4.860±100	Uchôa, 1981-82
SP	Rio das Pedras III	4.750±110	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Rio Preto	4.635±100	Uchôa, 1981-82
SP	S-16	4.380±160	Uchôa, 1981-82
SP	S-35(A-140)	5.035±140	Uchôa, 1981-82
SP	S-39(A-121)	4.750±110	Uchôa, 1981-82
SP	S-50(A-219)	545±90	Uchôa, 1981-82
SP	S-51(A-229)	4.520±150	Uchôa, 1981-82
SP	Sambaquinho	1.500±120	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Santa Helena	3.745±410	Uchôa, 1981-82
SP	São Bernado	1.840±150	Uchôa, 1981-82
SP	Tapera I	3.960±90	Uchôa, 1981-82
SP	Tenório	1.875±90	Garcia, 1979
SP	Ubatuba	3.870±100	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Vamiranga	1.015±70	Martin, Suguio, Flexor, 1984
SP	Vapumaúva	5.080±60	Martin, Suguio, Flexor 1984
SP	Vapumaúva I	4.070±100	Garcia, 1979
SP	Vapumaúva II	4.680±110	Martin, Suguio, Flexor 1984
SP	Vapumaúva II	4.440±80	Garcia, 1979



Santa Catarina

Já no litoral de Santa Catarina as concentrações dos sítios não-cerâmicos estão no norte do Estado (em Joinville), no centro da Ilha de Santa Catarina e no sul do Estado, na região de Laguna. As datas disponíveis indicam que a ocupação no litoral desse estado se iniciou há cerca de 5200 anos AP, se expandiu entorno de 4 200 anos AP e, após um breve período de retração entre 4000 e 3800, se expandiu novamente entre 3400 a 2800 anos AP., até entrar em declínio por volta de 1600 anos AP.

Segundo Schmitz (2006) também no litoral de Santa Catarina são encontrados tanto sambaquis como outros sítios aparentemente semelhantes mas que são vestígios deixados por populações da Mata Atlântica, que viriam à costa nos períodos quentes do ano.

De Masi (2001), a partir de estudos de colágeno, não encontrou evidências que apontassem para a existência de migrações e de ocupação sazonal da costa de Santa Catarina. Para este autor, pelo menos na área trabalhada, as ocupações costeiras e interioranas eram independentes e isoladas.

Segundo De Blasis *et al* (2007), no litoral sul de Santa Catarina, no período entre 4500 anos AP e 2000 anos AP, ocorreu uma grande expansão da ocupação sambaquieira com presença de estruturas de organização social bastante estáveis e articuladas em âmbito regional, com epicentro na paleolaguna de Santa Marta. Também neste período foi intensificada a construção de sambaquis monumentais. Nesta área foram cadastrados 65 sambaquis.

Paraná

A concentração de sítios no Paraná está localizada próxima à baía de Paranaguá, junto da convergência dos rios que cortam a serra do Mar, drenando a água para o litoral, no que poderia se constituir num ponto de descida planalto-litoral. Nessa região, encontram-se as datas mais antigas para a ocupação litorânea aceitas pela comunidade científica. Trata-se das datações obtidas nos sítios Ramal 6540 ± 105 anos AP (GARCIA, 1979) e Porto Maurício 6030 ± 130 anos AP (GARCIA, 1979). Além desses, existem mais dois sítios com antiguidade superior a 5000 anos AP: Gaspar 5230 ± 350 anos AP (PIAZZA, 1966) e Ilhota 5340 ± 210 anos AP (SUGUIO *et alli*, 1984). Neste estado, predominam as datações ao redor de 4500 anos AP. Apesar de serem poucos os sítios datados, apenas 12, pode-se pensar que a ocupação deste litoral teria se iniciado há cerca de 6500 anos AP e se mantido estável até pelo menos 1400 anos AP..



Partindo de Paranaguá e seguindo cerca de 60 km de litoral em direção ao norte, encontra-se o agrupamento de sítios de Cananéia-Iguape. Dos 133 sítios litorâneos registrados no litoral do Estado de São Paulo, segundo levantamento elaborado por Uchoa (1978, 1979, 1980), 88 estão concentrados nesta área, e 74% deles sítios apresentam datações acima de 4000 anos AP.

São Paulo apresenta o maior número de sítios litorâneos datados (69 sítios) e os dezesseis sítios com datações próximas ou acima de 5000 anos AP encontrados no seu litoral corroboram as hipóteses da existência de uma rota migratória pelo vale do Ribeira. A outra concentração de sítios nesse Estado é na Baixada Santista, que também é um ponto conhecido de descida do planalto através do rio Tietê. Nessa área os sítios apresentam datas pontuais que vão de 5000 anos antes do presente a 2000 anos AP.

Antes de chegar ao litoral fluminense, os sítios praticamente desaparecem próximo à cidade de Ubatuba, o que pode ser explicado pela presença de uma faixa estreita de litoral, que chega a desaparecer depois dessa cidade. Os únicos sítios datados na área são relativamente recentes, dois estão localizados em ilhas (Mar Virado e Couves) e outro em praia a 100 metros da linha da maré atual (Tenório). O Mar Virado está datado em 2570 ± 70 AP, o Couves em 2200 ± 40 anos AP e o Tenório em 1875 ± 90 anos AP. Esses sítios podem estar relacionados tanto a uma movimentação perpendicular oriunda da Baixada Santista, quando grupos vindos por terra teriam atravessado a estreita faixa de praia, como também a grupos canoeiros que tinham as ilhas por habitat. Este segundo caso poderia se tratar de uma nova modalidade adaptativa para responder a falta da faixa litorânea local, mas também poderia estar relacionada a um traço cultural de grupos que optaram pela exploração de ambientes insulares.

A concentração de amoladores polidores fixos verificada entre Ubatuba e o extremo norte da Baía da Ilha Grande, além de outros elementos recorrentes na cultura material, principalmente relacionados a rituais funerários, tais como, lâminas de machado, grandes blocos de rocha e de mamíferos marinhos, como acompanhamento (conferir TENÓRIO, 2003; ANEMORI, 2005) sugerem uma coesão cultural regional.

A alta incidência de amoladores polidores fixos concentrados no litoral sul fluminense em oposição à ausência no restante do litoral do Rio de Janeiro, com exceção dos encontrados no promontório do Cabo Frio, a mais de 350 km de distância, pode estar indi-



cando uma migração perpendicular de grupos canoeiros oriundos do litoral sul brasileiro (TENÓRIO, 2003).

Rio de Janeiro

Após um intervalo de cerca de 100 km de litoral, apresentando poucos sítios arqueológicos, ocorre uma outra concentração, próxima a cidade de Parati, na qual os sítios localizam-se predominantemente em áreas inundáveis de manguezais, estuários e em ilhas. Nessa área, existem passagens que cruzam a serra do Mar, muito utilizadas por indígenas e também por onde, num momento posterior, passavam os tropeiros trazendo os diamantes de Minas Gerais para o porto de Parati. Próximo a essa cidade foram encontrados 40 sítios, além de 8 em ilhas próximas.

Nos locais de faixa costeira estreita, na região de Angra dos Reis, foram registrados apenas dois sítios, enquanto que nas ilhas da Baía de Angra foram assinalados 14 sítios. Numa dessas ilhas encontra-se o sítio do Algodão, com uma datação de 7860 ± 80 anos AP, vista com cautela por sua pesquisadora (LIMA, 2001). Descartando a data mais antiga do sítio do Algodão, a data aceita por Lima é de $3350 \pm$ anos AP (LIMA, 1987). Além deste sítio, apenas mais dois foram datados nessa área, o sítio Ilhote do Leste (TENÓRIO, 1999) e o sítio da Ponta do Leste (TENÓRIO, 2003). Ambos localizados na Ilha Grande, o primeiro tem o início de sua ocupação datada em 2910 ± 90 anos AP e o segundo em 2880 ± 40 anos AP.

A cerca de 100 km de litoral em direção ao norte se tem mais um sítio datado e localizado em ilha, trata-se do sítio Guaíba (HEREDIA *et al*, 1984), datado em 1520 ± 60 anos AP. Mais adiante, mais uma vez a cerca de 100 km ao norte, encontra-se a concentração de sítios da planície de Guaratiba, em área de manguezais, com 33 sambaquis e onde se encontra o sítio Zé Espinho, datado em 2260 ± 160 anos AP.

Após percorrer um litoral pouco recortado e também pouco conhecido em termos arqueológicos, chega-se ao outro lado da baía da Guanabara, onde se encontram duas concentrações de sítios: a de Guapimirim e a de Itaipú.

Na de Guapimirim, 14 sítios são encontrados numa zona alagada com manguezal entre o fundo da baía da Guanabara e o rio Macacu, que desce a serra do Mar e poderia ter sido usado como uma via de descida ao litoral. No entanto não foram encontrados sítios pré-cerâmicos nesta área.

A concentração da praia de Itaipu apresenta sítios de encosta baixa e dunas relacio-



nadas a ambientes de mar, de lagoa e de estuário. Lá é encontrado o sítio Camboinhas (KNEIP, 1981) que apresenta uma datação muito discutida de 7958 ± 224 anos AP (KNEIP *et al*, 1994), além de uma segunda datação antiga e aceita de 4475 ± 160 anos AP (KNEIP, 1994). Muito próximo a ele encontra-se o sítio Duna pequena datado em 2030 ± 155 anos AP (KNEIP, 1981).

Após Itaipu, a ocorrência de sítios diminui, provavelmente por causa da presença de um litoral de mar aberto, com ondas fortes, sem enseadas. Os sítios voltam a aparecer a cerca de 50 km de litoral, próximo à cidade de Saquarema, onde se inicia a área conhecida como Região dos Lagos. Nessa área encontram-se 16 sítios localizados à beira das lagoas e de estuários. Sua antiguidade prevalece entre 4000 e 2000 anos AP. Entretanto, se tem também uma data destoante de 5700 ± 70 anos AP (BARBOSA, 2007), ainda não discutida por sua autora.

Após cerca de 50 km de litoral pouco estudado em termos arqueológicos⁵, observa-se outra grande concentração de sítios no promontório de Cabo Frio. Essa região apresenta sítios concentrados em duas áreas distintas. Uma marcadamente “úmida”, sujeita a inundações, com formações lagunares, localizada a cerca de 3 km da costa no município de Tamoios e apresenta datas entre 4200 e 2000 anos AP. A outra, mais seca, na beira de praias ou de canais localizada nos municípios de Cabo Frio, Armação dos Búzios e Arraial do Cabo, cujas datas de ocupação encontram-se entre 5000 e 2000 anos AP. Na área úmida predominam os sítios que ficavam à beira de paleolagoas. Na área seca, predominam os que estão em morrotes ou em grandes elevações, locais que, no momento inicial de sua ocupação, provavelmente apresentavam uma configuração insular.

Além das datações muito antigas fornecidas por Kneip e Lima, e da obtida por Barbosa (2007) ainda não esclarecida, existem apenas três datações, acima de 5000 anos AP para o Rio de Janeiro: a do Sambaqui do Forte, 5520 ± 120 anos AP (KNEIP, 1980); a do sítio do Meio, 5590 ± 80 anos AP (GASPAR *et al*, 1992 e 1994); e a do sítio Geribá II, 5150 ± 110 anos AP (TENÓRIO, 1992, 1998). Todas são provenientes de sítios nos municípios de Cabo Frio e Arraial do Cabo, as duas primeiras obtidas em sítios que distam 300m entre si e o terceiro localizado a 20km de distância.

O restante das datações para o Rio de Janeiro são mais recentes do que 4500 anos AP. A expansão da ocupação nesse estado, ocorreu entre 4300 anos AP e 3000 anos AP.



Duas datações das poucas existentes para o Espírito Santo – obtidas para os sítios Rio Doce 4400 ± 200 (SUGUIO *et al*, 1982) e Rio Doce II, 4240 ± 150 – sugerem um povoamento antigo também a partir do litoral ao norte do Estado do Rio de Janeiro. No entanto, como são poucas, devem ser vistas com cautela.

MODELO INTERPRETATIVO

Sintetizando os resultados apresentados através de um modelo hipotético, a chegada de grupos do interior ao litoral brasileiro teria se dado inicialmente a partir da descida de terras altas do Paraná e/ou do Vale do Ribeira, quando há mais de 6 000 anos antes do presente se iniciou um fluxo intenso de pessoas aparentadas que já apresentavam uma morfologia mongolóide a qual, desde 7 000 anos AP, já se encontrava em Minas Gerais.

Grupos teriam descido do planalto seguindo os vales dos rios, principalmente o do Ribeira, até chegar ao litoral paulista. Lá teriam se fixado completamente, se adaptando extremamente rápido ao novo ambiente que teria surgido em consequência de alterações climáticas iniciadas no final do Pleistoceno e intensificadas no início do Holoceno.

Do litoral de São Paulo, da região de Cananéia – Iguape, teriam seguido rapidamente para o norte do Paraná, onde, provavelmente em Paranaguá, teriam tido contato com outros grupos que teriam descido das terras altas diretamente para o litoral paranaense, seguindo os rios que cortam a serra do Mar.

Seguindo ainda este modelo, durante mais de quatro milênios, levas populacionais continuaram a chegar ao litoral aumentando cada vez mais o contingente humano na costa. Com o crescimento da população, as bordas das lagunas foram povoadas através de núcleos familiares formando conjuntos de unidades de parentes.

Esse tipo de ocupação provocou uma mobilidade perpendicular à costa, acompanhando as margens das lagunas formadas pelos cordões arenosos deixados no ótimo climático, e consolidados pelo subsequente movimento regressivo marinho.

Seguindo o caminho das lagunas, grupos oriundos dos vales do Ribeira alcançaram a baía de Paranaguá, no Paraná, no entanto, dali não devem ter continuado sua expansão para o sul pois este litoral apresenta faixas de interrupção provocadas pela aproximação da serra do Mar. Assim sendo, é provável que tivesse havido outras rotas de descida seguindo os cursos dos rios, por onde outros grupos teriam chegado à costa de Santa Catarina.



No entanto, a população que representa o apogeu da ocupação costeira no litoral sul desse estado também estava estreitamente relacionada à exploração de áreas lagunares. São os construtores dos grandes sambaquis que teriam chegado ao sul do Estado há cerca de 4500 anos. É possível que a construção desses cemitérios monumentais esteja relacionada com a presença de uma série de características mais complexas de organização social e econômica. Provavelmente, foi nessa área que grupos costeiros tiveram contato com os construtores dos cerritos, que também apresentam indícios de uma organização social mais complexa (MAZZ, 2001 e IRIARTE, 2003 In BLASIS *et al*, 2007). Desse contato é provável que tenha ocorrido uma assimilação ou incorporação mitológica representada na presença dos zoólitos que passaram a ser encontrados nos sambaquis do sul.

Do litoral paulista, os grupos oriundos do vale do Ribeira avançaram para o norte em direção ao litoral do Rio de Janeiro. Só muito depois, quando provavelmente entraram em contato com a população que teria descido da serra do Mar e se fixado no litoral próximo à cidade de Parati. Talvez muito mais tarde tenham entrado em contato com populações que também teriam descido a serra através do rio Macacu e se estabelecido nas áreas atualmente alagadas do fundo da baía da Guanabara. Provavelmente também entraram em contacto com grupos que teriam vindo do norte do Estado, há cerca de 4500 anos AP, e ocupado toda a região dos Lagos.



DISCUSSÃO

Embora tenha havido um esforço em ordenar dados de forma coerente, o modelo apresentado acima apresenta lacunas deixadas por observações arqueológicas que não podem deixar de ser levadas em consideração, relacionadas a diferentes aspectos, tais como:

1. O reduzido número de sítios apresentando características de transição adaptativa

Chama a atenção o pequeno número de sítios encontrados nas áreas de transição em relação ao grande número de sítios presentes no litoral. Pode-se responsabilizar os fatores envolvidos na preservação desses sítios. Correa (2007) ressalta a diferença de preservação entre os sambaquis estudados por Schaeffer no vale do Ribeira e os estudados em Arraial do Cabo, essa variabilidade poderia deturpar a relação entre sambaquis e os sítios de transição, mais não tanto. Por outro lado, pode-se pensar que, a transição adaptativa não estaria nos vales fluviais, ou nas áreas mais interioranas, mas que ela poderia estar acontecendo nas próprias áreas lagunares, onde culturas interioranas entrariam em con-

tato com grupos já adaptados e portadores de cultura e tecnologia específica à exploração do litoral.

O fato dos sítios de transição, no caso dos *sambaquis* fluviais⁶, apresentarem predominantemente elementos culturais do planalto associados a poucos itens marinhos sugere que estes grupos teriam sido aculturados no litoral, pois em caso contrário seriam encontrados mais assentamentos evidenciando o processo de mudança adaptativa, este processo seria mais lento e sutil, com muitos retornos a antigas atividades exploratórias.

2. *Semelhanças e diferenças observadas na cultura material*

Como explicar a semelhança do instrumental encontrado em sítios distantes e aparentemente sem nenhum contato e ao mesmo tempo as diferenças observadas na cultura material entre sítios próximos e contemporâneos? Uma explicação hipotética seria a da presença de três fatores: uma cultura estruturadora, um alto índice de miscigenação e a existência de fatores de *etnicidade*⁷ (TENÓRIO, 2004). O primeiro seria responsável pela repetição de estruturas culturais marcantes em todo litoral brasileiro (GASPAR, 1991; TENÓRIO, 2004). A miscigenação responderia pela grande variedade de rituais funerários observados, muitas vezes, até dentro de um mesmo sítio. E os fatores de *etnicidade* seriam os responsáveis pelas diferenças verificadas na cultura material entre sítios muito próximos onde os limites territoriais devem ser bem delimitados, ou seja, haveria escolhas marcantes relacionadas a estilo, a matéria prima, *modus* que seriam refletidos na cultura material encontrada num mesmo sistema de assentamento mas composta de várias *etnias*.⁸

A presença de diferentes *etnias* pode ser explicada por uma ocupação formada por sucessivas leva populacionais vindas de diferentes pontos do planalto central. Por sua vez, as populações do planalto também estão se misturando e sofrendo transformações durante o longo período da ocupação pré-ceramista no litoral, assim sendo é constante o fluxo de novas informações.

Por outro lado, a possibilidade da área lagunar configurar uma área de transição pode resultar em diferenciações na cultura material, pois diferentes graus de aculturação podem se manifestar em diferenças tecnológicas atuando num mesmo momento entre sítios pertencentes a um mesmo sistema social.

3. *Opção ambiental*

Embora exista uma grande extensão do litoral brasileiro ocupado por sítios à beira de



lagunas, não se pode afirmar que o foco da exploração esteja no ambiente marinho. Pois embora muitos deles, como os encontrados na região dos lagos (MÁRCIA BARBOSA, comunicação pessoal, 2006), estejam *de frente* para as lagunas estão *de costas* para a exploração do ambiente marinho. Por outro lado existem outros, localizados do lado de lagoas nos quais não há indicações de que seus construtores as explorassem, como no caso do sítio Ilhote do Leste (TENÓRIO, 2003) ou como os encontrados em Arraial do Cabo, (TENÓRIO *et al*, 2005).

Provavelmente existam sítios à margem de lagunas cujos construtores estejam sendo confundidos com grupos que compartilhavam uma cultura marítima, onde há uma ênfase na identificação do indivíduo com o mar. Do mesmo modo que se observa a existência de sítios voltados para as lagoas nota-se a presença de outros mais voltados para o oceano como os localizados em ilhas, principalmente as voltadas para o mar aberto.

Observa-se também em associações rituais a existência de grupos que se vêem como indivíduos marinhos e expressam essa identidade na utilização de adornos marinhos, tais como, dentes de elasmobrânquios e vértebras de peixes marinhos perfurados. Registra-se também em rituais funerários a presença de cetáceos usados como acompanhamento, provavelmente reafirmando a associação do homem com o mar.

Os construtores do sítio Ilhote do Leste exemplificam bem esse grupo ligado a uma cultura marítima. A presença de amoladores polidores fixos encontrados em volta do sítio e espalhados em grande quantidade por toda a Ilha Grande (TENÓRIO, 2003; TENÓRIO, 2005) permitiu que fosse construída a hipótese de que tivessem alguma especialidade no fabrico e na distribuição de lâminas de machado. As inserções musculares marcadas encontradas nos esqueletos exumados no sítio sugerem uma intensa atividade de remar. Isto pode indicar uma grande mobilidade e uma extensa rede de contatos, hipótese corroborada pelos indícios de transmissão cultural encontrados no sítio Ilhote do Leste, Ilha Grande e no Ponta da Cabeça, em Arraial do Cabo (TENÓRIO *et al*, no prelo) distantes cerca de 280 km pela linha do litoral.

CONCLUSÃO

O que foi apresentado reforça a proposta de que o povoamento pré-cerâmico do litoral brasileiro se deu por populações que compartilhavam uma cultura marítima constantemente acrescida por traços culturais trazidos por grupos do planalto que eram aculturados ao chegarem à costa.



É provável que os primeiros colonizadores tenham chegado no litoral brasileiro antes de 8000 AP, num período de regressão marinha. Embora predominantemente pescadores, a coleta de molusco era uma atividade estruturadora para seu sistema sociocultural, na medida em que os moluscos ofereciam uma estabilidade e uma possibilidade de fixação extremamente importante. A fixação em um ponto central que possibilitasse acesso a vários ambientes que permitissem uma previsibilidade até então desconhecida entre caçadores coletores provocou profundas alterações em sua organização social. (TENÓRIO, 1991).

No entanto, com o período transgressivo que teria se iniciado após o sétimo milênio e que teve seu momento de transgressão máxima há cerca de 5000 anos AP, os manguezais retraíram-se acompanhando a expansão das águas. Os sítios relacionados a esses períodos ou estão submersos ou encontram-se em locais mais altos próximos a manguezais sobreviventes. Nesse período a característica pescadora desses grupos foi enfatizada em detrimento da coletora.

Muitos desses locais mais altos passaram a apresentar uma configuração insular. A ocupação destes locais também passou a ser uma das características dos grupos que compartilhavam dessa cultura marítima. A partir de 5000 anos AP, a maior parte dos sítios estão localizados em locais que nessa época possuiriam uma configuração insular, do que se pressupõe um intenso uso de embarcações, grande mobilidade e conhecimento náutico.

Com a descida nível do mar iniciada por volta de 4500 anos AP, as lagunas são represas surgindo um ambiente de alta produtividade em termos alimentares, o que atraiu grupos do interior. O contato com grupos já adaptados ao litoral permitiu que esse ambiente fosse explorado conjuntamente, embora os grupos sambaquianos continuassem a preferir se fixar sobre complexos rochosos localizados em áreas de interseção ambiental ao invés das restingas lagunares.

No extremo de Cabo Frio, observa-se que os sítios localizados em elevações encontrados nos Municípios de Arraial do Cabo, Cabo Frio e Armação dos Búzios⁹, são os mais antigos e que provavelmente esses locais teriam a configuração insular quando foram inicialmente ocupados. O que permite que se leve em consideração a possibilidade de que houvesse outros grupos na costa portando um profundo conhecimento tecnológico para a exploração deste ambiente e também uma organização sócio cultural estruturada antes da chegada de grupos do planalto.



A presença de uma cultura material sempre semelhante à presente nos sítios mais antigos também sugere que os elementos marcantes dessa possível cultura marítima sempre predominaram sobre os traços culturais trazidos do interior.

Maria Cristina Tenório

Departamento de Antropologia, Museu Nacional- UFRJ

Pesquisadora CNPq.

ctenorio@domain.com.br. c.tenorio586@gmail.com



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMENOMORI, Sandra Nami 2005. *Paisagem das ilhas, as ilhas da paisagem: a ocupação dos grupos pescadores-coletores pré-históricos no Litoral norte do Estado de São Paulo*. Tese de doutorado defendida no Programa de pós-graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo
- BARRETO, Cristiana 1988. *Ocupação do Vale do Ribeira Iguape, São Paulo: os sítios concheiros do Médio Curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo
- BEGOSSI, Alpina. 1993. "Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente." *Interciencia*, vol.18, nº 3
- BEGOSSI, Alpina. 2000. Transmissão cultural Anais da IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro
- "Do fishers have territories? The use of fishing grounds at Aventureiro (Ilha Grande, Brazil)." Inédito.
- BELTRÃO, Maria Conceição. 1974. "Datações arqueológicas mais antigas do Brasil." *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, v.46, 2, 211-251
- BINFORD, Lewis. 1968. "Post Pleistocene Adaptations." In: BINFORD, Sally R. & BINFORD, Lewis (Eds). *New Perspectives in Archaeology*. Chicago: Aldine Ed., 313-41
- BROCHADO, José Proença. 1984. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and agriculture into eastern South America*. Tese (Doutoramento em Antropologia). University of Illinois at Urbana-Champaign.
- BUARQUE, Angela. 1999. "A cultura tupinambá no Estado do Rio de Janeiro." In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro, EDUF RJ, 307-320
- Calippo, Flávio Rizzi. 2010. *Sociedade sambaqueira, comunidades marítimas*. Tese (Doutoramento em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia/ Universidade de São Paulo. São Paulo. 288 p.
- CARDIM, Padre Fernão. 1925. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Rio de Janeiro, J. Leite & Cia. Ed, 435
- CASTRO, Fabio de. & BEGOSSI, Alpina. 1995. *Ecology of fishing on the Grande River (Brazil): technology and territorial rights in FISHERIES RESEARCH*.
- 1996. "Fishing at Rio Grande (Brazil): Ecological Niche and Competition". *Human Ecology*, v.24, n. 3



- CHMYZ, Igor e SAUER, I. 1971. "Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do Piquiri." *Dédalo São Paulo* 3:7-36
- COLLET, Gui & LOEBL, E. 1988. "Informações sobre os sambaquis fluviais do Estado de São Paulo". *Anuário de Staden* (Estudos Brasileiros), 36. Fundação Martius (Inst. Hans Staden), São Paulo.
- DE BLASIS, P. 1996. *Bairro da Serra em três tempos: arqueologia, uso do espaço regional e continuidade cultural no Médio Vale do Ribeira*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- DE BLASIS, P.; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo César; GASPAR, Maria Dulce. 2007. "Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil." *Arqueologia Suramericana/ Arqueologia Sul Americana* 3, 1 (janeiro)
- DE MASI, Marco Nadal. 2001. "Pescadores Pré-históricos da Costa Sul do Brasil." *Pesquisas*, São Leopoldo, IAP/UNISINOS
- DIAS JÚNIOR, O. 1992. "A tradição Itaipu, costa central do Brasil". In: MEGGERS, Betty (ed.). *Pré-história de Sudamerica*. Smithsonian Institution: Washington. 161-176
- DIAS JÚNIOR, Ondemar & CARVALHO, Eliane. "A pré-história da serra fluminense e a utilização das grutas de estado do Rio de Janeiro. *Pesquisa*, São Leopoldo 31: 43-86. 6 fig. bibl. (Estudo de Arqueologia e Pré-História Brasileira em memória de A. T. Rusins.) 1980.
- FIGUTI, L., S. EGGERS, C. A. MENDONÇA, J. L. PORSANI, E. B. ROCHA, P. de BLASIS, W. M. BISSA. 2004 *Investigações arqueológicas e geofísicas dos sambaquis do Vale do Ribeira de Iguape*. Estado de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, USP. Relatório Final de Atividades de Projeto Tenático, processo FAPESP n. 1999/12684-2
- FRANCO, T.C. & GASPAR, M. D. 1992 "O sítio Salinas Peroano." *Anais da VI Reunião Científica de Arqueologia Brasileira*. Alfredo Mendonça de Souza, Maria Dulce Gaspar, Paulo Seda eds. Rio de Janeiro..vol I.
- EMPERAIRE, Jose & A. EMPERAIRE. 1956 "Les Sambaquis de la côte meridionale du Brésil: compagnes de fouilles (1954-1956)." *Journal Société Americaniste Paris*, v.45,, 5-163, il..
- ERLANDSON, J.M. 1994. *Early Hunter-Gatherers of the California Coast*. New York and London: Plenum Press
- ERLANDSON, Jon M. 1997. "The middle holocene along the California Coast. Archaeology of 1997th the California Coast during the middle holocene."



In: ERLANDSON, Jon & GLASSOW, Michael. *Perspectives in California Archaeology*, v. 4. Institute of Archaeology, University of California.

GARCIA, Caio del Rio. 1979. "Nova datação do Sambaqui Maratúá e considerações sobre as flutuações eustáticas propostas por Fairbridge." *Revista de Pré-História*, São Paulo, v.1, n.1, 15-30

GASPAR, Maria Dulce & SCARAMELLA, Nidia. 1992. "O sítio do Meio. Canal de Itajurú - RJ." In: *Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, VI, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro, v.1, 122-130,

GASPAR, Maria Dulce. 1991. *Aspectos da organização social de um grupo pescador - coletor - caçador: Região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 364

HEREDIA, Oswaldo Raimundo; GATTI, Marcelo; GASPAR, Maria Dulce & BUARQUE, Angela Maria Gonçalves. 1984. "Assentamentos pré-históricos nas ilhas do litoral centro-sul brasileiro: o sítio Guaíba (Mangaratiba-RJ)." *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, SAB, v.2, n.1, 13-31

IHERING, Hermann Von. 1904. "Archaeologia comparativa do Brasil." *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. , 519-583

JACOBUS, André. 1991 "A utilização de animais e vegetais na pré-história do RS. 63-87". In: KERN, Arno. (org.) *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto. 356p. il..

KNEIP, Lina Maria; FERREIRA, A . M. & MUEHE, Dieter. 1994 "Contribuição ao estudo da pré-história e do paleoambiente da região entre Cabo Frio e Guaratiba, RJ." In: TENÓRIO, Maria Cristina & FRANCO, Teresa Cristina (orgs). *Seminário para Implantação da pré-história brasileira*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 127-133

KNEIP, Lina. 1981. *Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu*, RJ. Rio de Janeiro: Ed. Luna.

_____. 1994. "A sequência cultural do sambaqui do Forte - Cabo Frio, Rio de Janeiro." *Pesquisas*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, v. 31, 87-100, 1980.

KERN, A. A. *Antecedentes indígenas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/EDUFRGS (Síntese Rio Grandense 16/17).140p. il.

_____. 1991. Pescadores-coletores pré-históricos do litoral norte. In KERN Arno (org.) *Arqueologia pré - histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto



- KNEIP, Lina Maria; FERREIRA, A . M. & MUEHE, Dieter. 1994. “Contribuição ao estudo da pré-história e do paleoambiente da região entre Cabo Frio e Guaratiba, RJ.” In: TENÓRIO, Maria Cristina & FRANCO, Teresa Cristina (Eds). *Seminário para Implantação da pré-história brasileira*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 127-133,
- KNIVET, Antony. 1947. *Várias Fortunas e estranhos fatos*. São Paulo: Ed Brasiliense
- LIMA, Tania. 1991. *Dos Mariscos aos Peixes: um Estudo Zooarqueológico da Mudança de Subsistência na Pré-História do Rio de Janeiro*. Tese (Doutoramento em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. São Paulo. 691p.
- _____. 2000. “Em busca dos frutos do mar: os pescadores/coletores do litoral centro-sul brasileiro.” *Revista da USP*, São Paulo, v. 44, 270-327.
- LIMA, T. A., MACARIO K., ANJOS D., R. M., GOMES P. R. S., COIMBRA M. M., ELMORE, D. AMS 2003 Dating of Early Shellmounds of the Southeastern Brazilian Coast. *Brazilian Journal of Physics*, vol. 33, no. 2, :276-279.
- LUBY, Edward & GRUBER, Mark F. 1999. “The dead must be fed: The symbolic meaning of the shellmound of the San Francisco Bay area.” *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge, v. 9, 105-108,
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar. 1954. Memórias da Capitania de São Vicente. *Biblioteca Histórica*, 3:44-46. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo.
- MEGHIN, O. F. A. 1962. “Los sambaquis de la costa Atlantica del Brasil Meridional.” *Ameríndia*, v. 1 , 53-81
- MENDONÇA DE SOUZA, 1991. “Alfredo. História da Arqueologia Brasileira.” *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, v. 46, 1-157
- NISHIDA 2001. *Estudo Zooarqueológico no Sítio Mar Virado, Ubatuba (SP)*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo
- NEVES, Walter. 1988 “Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina).” *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, n.43, 1-178
- NEVES, W & Okumura, M. M 2005. “Afinidades biológicas de grupos pré-históricos do vale do rio Ribeira de Iguape (SP): uma análise preliminar.” *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP
- NOELLI, Francisco Silva. 1999/2000. “A ocupação humana na região sul do Brasil:



arqueologia, debates e perspectivas 1872-200.” *Revista da USP*, n. 44, 218-269

PIAZZA, Wilson. 1966. “Estudos de sambaquis - o sambaqui de Pontas das Almas.” *Anais do Instituto de Antropologia. Série Arqueologia*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, vol. 2, 1-72

PERLMAN, S 1978. “The role of mobility costinhunter-gatherer-group size decisions.” Paper presented at the 43 Annual Meeting of the Society of American Archaeology. Tucson: Arizona

PROUS, André. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

RIBEIRO, Pedro Mentz. 1999. “Os mais antigos caçadores do sul do Brasil.” In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-História da Terra brasilis*. Rio de Janeiro: EDUFRJ

ROBRAIHN, Erika. M. 1989. *A Ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SCHMITZ, Pedro Inácio. 1984. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo. Instituto Anchietano de Pesquisas-UNISINOS

_____. 1991. Áreas arqueológicas do litoral e do planalto do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, USP, n.1, 3 - 20

_____. 1996. “Acampamentos litorâneos em Içara, SC. Um exercício em padrão de assentamento.” *CLIO*. Recife, v.1, n.11, 99-118

_____. 1998. “Peopling of the seashore of southern Brazil. Explorations. In: PLEW, Mark (Ed.). *American Archaeology. Essays in honor of. Wesley R. Hurt*. University Press of America, 193-220

_____. 2006. “O povoamento da planície litorânea.” *Ocupação pré-histórica do litoral meridional do Brasil*. SCHMITZ coord. São Leopoldo. Instituto Anchietano de Pesquisas-UNISINOS

SERRANO, Antônio. 1937. “Arqueologia brasileira; subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional.” *Revista do Arquivo do Departamento de Cultura*, São Paulo, 36:3-42.

SOUZA, Gabriel Soares de. 1949. *Notícias do Brasil*. São Paulo: Ed. Martins,

SUGUIO, Kenitiro; MARTIN, Lui & FLEXOR, Jean Marie. 1989. “Paleoshorelines and the sambaqui of Brazil.” In: JOHNSON, L.I (Eds) *Paleoshorelines and Prehistory: An Investigation of method*.

TENÓRIO, Maria Cristina. 1991. *Importância da coleta de vegetais no advento da agricultura*. Dissertação (Mestrado em História Antiga e Medieval) - Instituto de



- _____. 1998. In: PLEW, Mark G. (org.). *Explorations in American Archaeology: Essays in honor of Wesley R. Hurt*. University Press of America
- _____. 1996a. 'A contribuição da Arqueologia na compreensão do desenvolvimento do mangue.' *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências da Terra*, v. 8
- _____. 1992. "Pesquisa arqueológica na Ilha Grande - Sítio Ilhote do Leste." In: *Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VI*, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro, v.1, 292-303
- _____. 2003. *O Lugar dos Aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3500 anos antes do presente*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.
- _____. 2004 "Projeto Dinâmica de ocupação, contatos e trocas no litoral do Rio de Janeiro." FAPERJ e CNPq.
- TENÓRIO M.C., GASPAR M.D. & BULCÃO S. 1990. "Pesquisas Arqueológicas na praia de Geribá, Armação dos Búzios, RJ." *Revista do CEPA.- vol 17 n.20 Anais da V reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*.
- TENÓRIO, M.C. 2004 "Identidade cultural e origem dos sambaquis." *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: () 2006.169:178.
- TENORIO, Maria Cristina; PINTO, Diogo Cerqueira, AFONSO, M. 2009 "Dinâmica de ocupação, contatos e trocas no litoral do Rio de Janeiro no período de 4000 a 2000 anos antes do presente." *Arquivos do Museu Nacional*.
- TENORIO, M.C; AFONSO, M C, SAVI, D. C., CERQUEIRA, D.;GONZALEZ, M. M. B., NAMI ,S.; ANGULO, R. J. e REIMER P J., 2005 "O sítio ou os sítios da Ilha de Cabo Frio: primeiros resultados." In: *Resumos do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Campo Grande: Ed Oeste..
- VOORHIES, Barbra; MICHAELS, G. H. & RISER, G.M. 1991. "Ancient Shrimp fishery". *National Geographic Research and Exploration*, v.7, n.1, 20-35.
- YESNER. 1998 (Alaska-Anchorage) "Colonization Models, Archaeological Signatures, and Early Sites in Interior Alaska." In the 63rd Annual Meeting – SOCIETY FOR AMERICAN ARCHAEOLOGY – Seattle. *Abstracts*, Washington,.
- _____. 1986. 'Life in the garden of eden :causes and consequences of the adoption of marine diets by human societies". In: *Food and evolution*. New York
- WATABE, Hitoshi. 1968. 'Subsistence and ecology of northern food gatherers with special reference to the Ainu." In: Richard Lee & Irven DeVore eds. *Man the hunter* Chicago. Aldine Publishing Company, 69-77



¹ Pesquisas no Golfo da Califórnia evidenciaram a presença do paleoíndio na costa entre 11500 e 10500 anos AP, sendo que o número de sítios aumenta sensivelmente entre 9000 e 8000 anos AP. Existem cerca de 85 sítios datados entre 10000 e 7000 anos na costa da Califórnia (ERLANDSON, 1997:5). Para Lynch (1998:94), a adaptação à costa na América do Sul é antiga, acima de 11000 anos AP.

² Este sítio apresenta uma datação de 7958 ± 224 anos AP. (Kneip 1981) ainda objeto de discussão (Kneip *et al*, 1994).

³ O sítio do Algodão, que apresenta uma datação de 7860 ± 80 anos AP.

⁴ Para que todas as datas publicadas pudessem ser utilizadas optou-se pelo uso das datações convencionais, não calibradas.

⁵ A área compreendida entre a cidade Saquarema e Cabo Frio está sendo estudada através do desenvolvimento do projeto Dinâmica de ocupação, contatos e trocas no litoral do Rio de Janeiro, que conta o apoio da FAPERJ. Nela já foi localizado um sítio sobre duna com 20 metros de altura, ainda não estudado.

⁶ O sítio do Moraes foi excluído dessa classificação.

⁷ Entende-se por fatores de etnicidade o conjunto de elementos de função diferenciadora criados artificialmente para manutenção de territórios e de identidade social. Não obstante, a intensidade dos contatos, das trocas e até das mais efetivas, como a miscigenação através de casamentos.

⁸ Neste caso a palavra etnia está grifada porque é utilizada relacionada ao conceito de *etnicidade* (Hodder, 1982) e não à origem étnica.

⁹ Sítio Condomínio do Atalaia, localizado a 53 metros de altura acima do nível do mar (Tenório 2001, Tenório *et al* 2005); Sambaqui do Forte (Kneip 1981); Salinas Peroano (Franco e Gaspar 1992), Meio (Scaramella e Gaspar 1992); e Geribá II (Tenório, Gaspar e Bulcão 1989).

